

DISLEXIA: definição e caracterização

Edna F. Neves Olmino (G – UEMS)

Maria Silvia Rosa Santana (UEMS)

Resumo: A dislexia trata-se de um distúrbio de aprendizagem que preocupa educadores e pesquisadores no sentido de descobrir precocemente suas características e proporcionar ao educando um ensino diferenciado. Nem sempre isso acontece e o que se encontra são crianças com extremas dificuldades em ler e escrever, taxadas de preguiçosas e incompetentes, sendo que, na verdade, as características apresentadas exigem mais atenção e estratégias de ensino diferenciadas. Objetivamos com este artigo conhecer um pouco mais deste distúrbio de aprendizagem, de maneira que seja possível esclarecer suas características mais frequentes e, assim, auxiliar os alunos que as comportam a superarem as dificuldades de maneira positiva e menos dolorosa. Esperamos conhecer melhor esse distúrbio, saber como ele se manifesta nas situações escolares, como realizar seu diagnóstico e qual o papel do professor diante dos alunos que apresentam estes distúrbios de aprendizagem.

Palavras-chave: Dislexia. Alunos. Distúrbios de Aprendizagem.

Abstract: The dyslexia is a learning disorder that worries educators and researchers to find out their characteristics and provide an education to educating differently. Not when this happens and what is are children with extreme difficulties in reading and writing, charged of lazy and incompetent, and, actually, given the characteristics require more attention and strategies of differentiated education. Aim with this article know a little more of a learning disorder, so that we can clarify its features more frequent and thus assist students that have overcome the difficulties in a positive manner and less painful. We know better this disorder, how it manifests itself in school situations, how to perform their diagnosis and what the role of the teacher in front of pupils who suffer from these disorders of learning.

Key words: Dyslexia. Students. Disorders of learning.

1 Introdução

Trataremos nesse artigo de um dos distúrbios de aprendizagem que na maioria das vezes é conhecido dos trabalhadores em educação, mas que, no entanto, é mal compreendido, ou mal interpretado, ocasionando problemas ainda mais graves em consequência da maneira como é realizado o trabalho com os alunos.

O interesse pelo tema surge por meio de observações de amigos e familiares que passam por dificuldades de aprendizagem, pela curiosidade de identificar as dificuldades de leitura e escrita e o porquê do fracasso escolar. É dramático constatar o grande número de alunos com reais problemas de aprendizagem e por não terem profissionais preparados para atendê-los, desenvolvem vínculos negativos com a leitura e a escrita, que fazem com que as crianças venham a ter problemas de auto-estima.

Objetivamos conhecer um pouco mais desse distúrbio de aprendizagem, de maneira que seja possível compreender as suas características e, assim, auxiliar os alunos que o comportam a superarem as dificuldades de maneira positiva e menos dolorosa.

Não é possível ignorar que os problemas de aprendizagem existem em todos os segmentos da população. É objetivo deste artigo, buscar nas pesquisas bibliográficas mais

esclarecimentos sobre o tema, a partir de pontos de vista de diversos teóricos. Esperamos conhecer melhor esse distúrbio, saber quais as reais características da dislexia, como identificá-la, e qual o papel do professor diante dos alunos que apresentam este distúrbio de aprendizagem. Para esclarecermos sobre o assunto vamos falar um pouco da dislexia.

Trata-se de um distúrbio de aprendizagem que tem como principal característica, a dificuldade em ler e escrever. Neste caso surge o primeiro impasse e a primeira barreira em relação à aprendizagem, como aborda Moraes (2003, p. 86). “A criança que não consegue aprender a ler e a escrever, ou o faz com dificuldade, sofre fortes pressões sociais de pais, professores, e companheiros que contribuem para a formação de uma auto-imagem negativa.”

Infelizmente, até que seja diagnosticado que a criança realmente é disléxica, ela passará por provações que podem marcar para sempre sua vida, de maneira que professores e pais devem observar com atenção as reações e atitudes de seus filhos em relação à leitura e à escrita principalmente.

A experimentação do insucesso, aliada às comparações feitas pelos pais e professores com irmãos ou colegas que não apresentam dificuldades para aprender, terminam transformando as crianças com distúrbios de aprendizagem em sujeitos inseguros, tímidos, e sem motivação para qualquer atividade escolar, culminando, muitas vezes, com a recusa da criança voltar à escola. (MORAIS, 2003, p. 86)

Pinto (2008, p. 67), ressalta que “[...] ao ser carimbada pelo professor e pelos pais, a criança desenvolve uma equivocada noção de si e passa a se ver como incapaz de avançar.”

É interessante observar que a dislexia não é um distúrbio de aprendizagem presente nas classes menos ou mais favorecidas. A verdade, é que ela pode estar presente em qualquer parte. “De acordo com as estatísticas disponíveis, de 10% a 15% da população mundial sofre de dislexia (LOPES, 2005, p.61)”

A dislexia, apesar de ser um mal, não impede que os indivíduos que a possuem sejam pessoas normais e com sucesso. Temos exemplos de disléxicos famosos, exemplifica Bergamo (2005, p. 105): a escritora Agatha Christie que “[...] ditava seus textos para uma datilógrafa”; o físico Albert Einstein que “[...] tinha problemas de memória e só aprendeu a ler aos nove anos” e o desenhista Walt Disney que “[...] tinha dificuldade para ler e escrever e durante muito tempo se sentiu um ‘incapaz’ ” Conforme explica Moraes (2003, p. 101), “[...] a criança disléxica acaba desenvolvendo uma auto-imagem negativa e uma total desmotivação para empreender a difícil tarefa de ler e de escrever.”

Conforme Bergamo (2005), a dislexia é um dos distúrbios de aprendizagem mais comuns. E infelizmente, é muito freqüente que hajam erros ao se diagnosticar esse problema.

Quando não recebem o diagnóstico correto, as crianças que o apresentam tornam-se problemáticas em todas as disciplinas escolares e freqüentemente são taxadas de “burras”, “ignorantes” e “indolentes” – o que tem, é lógico um impacto nefasto sobre sua auto-estima. (BERGAMO, 2005, p. 104)

É importante salientar que a criança disléxica lê por palavras e não por orações ou parte de orações. Em certos casos os professores e a família não percebem que se trata de uma criança disléxica porque ela está lendo. Entretanto, é preciso notar e perceber que é uma leitura desprovida de sentido e de significado, pois não é lida como um conjunto mas sim como partes isoladas com as quais a criança não faz nenhuma ligação.

2 O que é Dislexia?

Os estudos sobre a dislexia surgiram a partir do momento em que se notou que algumas crianças apresentavam dificuldades na leitura e escrita, mas iam bem nas outras disciplinas escolares e aparentemente não ofereciam nenhuma deficiência que pudesse causar tantos fracassos na área de leitura e escrita.

Em certas ocasiões, essas crianças que não aprendem a ler são rotuladas de “mentalmente limítrofes” ou “emocionalmente perturbadas”. Johnson & Myklebust (1991, p. 175) explicam que

A criança disléxica não tem uma coisa nem outra. Tipicamente, ela é de inteligência normal e deseja muito aprender a ler. Para se compreender por que ela não o consegue é importante se familiarizar com os meios pelos quais a criança normal adquire essa habilidade.

Na verdade, a dificuldade encontrada por estas crianças em forma de limitação em relação à aprendizagem, principalmente para ler e escrever, faz com que elas se sintam um tanto quanto retraídas e problemáticas, mais sensíveis a problemas de relacionamento, de aprendizagem, dentre outros.

Morais (2003) explica que, a princípio, o nome dislexia era designado por outras terminologias por estudiosos imaginarem diferentes causas para o surgimento e manifestação da mesma. Dessa forma, ele destaca as seguintes representações:

- **Cegueira verbal congênita:** representava pessoas que não conseguiam aprender a ler e a escrever apesar da sua visão normal.
- **Strophosymbolia:** designava crianças que invertiam letras ou números durante a leitura e escrita.
- **Dislexia genética:** neste caso a dislexia aconteceria devido a um fator genético.
- **Distúrbios psiconeurológicos:** a criança teria dificuldades para ler a partir de uma disfunção cerebral ao nível de sistema nervoso.
- **Dislexia específica de evolução:** caracteriza crianças com sérias dificuldades para ler e escrever. “[...] Chama-se de ‘evolução’, pois os sintomas que a criança apresenta tendem a desaparecer com o tempo; e ‘específica’ visto as dificuldades da criança delimitarem-se ao campo da leitura e escrita” (MORAIS, 2003, p. 93-94).

Apesar da discordância de diversos autores com vários pontos relacionados ao conceito de dislexia, um detalhe é de concordância unânime “[...] que a dislexia é um termo que se refere às crianças que apresentam sérias dificuldades de leitura e, conseqüentemente de escrita, apesar de seu nível de inteligência ser normal ou estar acima da média.” (MORAIS, 2003, p. 94).

O autor explica ainda que “[...] é consenso de todos os estudiosos que, os problemas emocionais que geralmente a criança disléxica apresenta, não são a causa das dificuldades para ler, mas sua conseqüência.” (MORAIS, 2003, p. 101). Imaginemos uma pessoa com as dificuldades proporcionadas pela dislexia. Com certeza esse indivíduo se sentirá diferente, principalmente por conta do preconceito que muitos apresentam, e por conta disso, cria barreiras ao redor de si mesmo, dificultando e agravando ainda mais esses problemas emocionais.

Entretanto, Ajuriaguerra (1984, p.116) esclarece que não basta que a criança leia mal para ser considerada disléxica. “[...] muitas crianças disléxicas chegam a ler convenientemente aos nove ou dez anos, ainda que continuem tendo grandes dificuldades de escrita.” É necessário, que sejam realizadas observações e testes formais com o intuito de

verificar seriamente se os sintomas e características apresentadas são compatíveis com a dislexia.

Segundo Barros (1995, p. 141)

Dislexia, termo proposto, em 1917, por Hinschelwood, refere-se à dificuldade para aprender a ler encontrada em indivíduos saudáveis, de inteligência normal ou superior e sem deficiências sensoriais.[...] eles invertem palavras e números, tem enorme dificuldade em procurar palavras no dicionário, em alinhar algarismos em colunas, em lembrar números de telefone etc.

A dislexia “[...] tem sido usada para justificar o fracasso escolar e a evasão e, com isso, muitos tiram o foco da baixa qualidade do ensino, deixando os alunos como os únicos responsáveis pelas deficiências da escola.” (PINTO, 2008, p. 66). Entretanto, o mesmo autor salienta que a dislexia “[...] é co-responsável pelas dificuldades de milhões de crianças, sobretudo nas séries iniciais.” (2008, p.66).

Nem toda criança com dificuldade para ler e escrever é disléxica, mas esse fator não pode ser desconsiderado.

Assim, a dislexia é concebida como um distúrbio psicopedagógico, com anamnese freqüente, mas não constante, dos distúrbios de linguagem ou da orientação espacial, e dos fatores iniciais, constitucionais uns e dependentes do meio outros; fatores que podem se conjugar para colocar a criança de seis anos em uma situação de inferioridade que a deixará inábil para uma aquisição escolar normal. Entre os fatores do meio ocupa um lugar o fator pedagógico, e não certamente porque uma pedagogia inadequada possa por si só criar uma dislexia, mas porque pode encaminhar uma criança com uma maturidade medíocre para o caminho da dislexia. (AJURIAGUERRA, 1984, p. 117)

O autor ainda esclarece que vê na dislexia um estado demasiado original para que se possa assimilar simplesmente a todos os distúrbios de relação da infância. Não se pode negar, certamente, que os problemas afetivos deste período da vida desempenham um papel de enorme importância, mas crê-se que exercem sua ação na medida em que tenham freado o desenvolvimento.

3 Conhecendo a Dislexia

Segundo Barros (1995) as crianças atrasadas em leitura não gostam de ler nem de escrever, pois tais atividades tornam penosas as ações que as envolvem, devido à dificuldade que possuem. Na verdade, é como se sentir impotente frente a uma situação e não poder fazer quase nada para melhorá-la.

Esse pensamento é apresentado pela revista Nova Escola (2008), em cuja reportagem são apresentados quatro mitos da dislexia. Dentre eles está o mito que diz que o disléxico não gosta de ler e escrever. “Na verdade, o desinteresse pela leitura e pela escrita está muitas vezes associado às próprias dificuldades da alfabetização.” (PINTO, 2008, p. 67). Isso justifica porque “[...] a criança atrasada em leitura não gosta de ler nem de escrever, pois essas atividades representam um esforço sempre penoso.” (BARROS, 1995, p, 142).

De acordo com Lopes (2005, p. 62) “[...] O disléxico é uma pessoa que tem dificuldades no processamento das informações.” Infelizmente, “[...] a dislexia não tem cura, mas é possível controlar os sintomas associados a ela.” (BERGAMO, 2005, p. 104).

Esses sintomas associados aos quais Bergamo (2005) faz referência, remete-nos ao fato de que, geralmente, “[...] a dislexia não aparece isolada”, o que também é sugestionado por Johnson & Myklebust (1991, p.177).

Outros distúrbios se relacionam ocasionando dificuldades severas para ler e escrever. Morais (2003), apresenta os seguintes distúrbios como associados à dislexia:

- **Distúrbios de memória:** a criança pode apresentar dificuldades em se recordar de fatos e sons que aconteceram a curto e longo prazo. “[...] podem-se encontrar crianças disléxicas com dificuldades tanto a nível de memória auditiva como em memória visual.” (MORAIS, 2003, p. 95) .
- **Distúrbios de memória para seqüências:** a criança com esses sintomas poderão apresentar dificuldades em recordar-se das seqüências espaciais e temporais para construir palavras ou frases com significado e sentido.
- **Orientação esquerda - direita:** a criança não atenderia aos comandos que indicassem a posição para a direita ou para a esquerda. Isso, aliado às dificuldades com a leitura e a escrita, causaria sérias dificuldades para a criança.
- **Orientação temporal:** “[...] As dificuldades para dizer horas, identificar os dias da semana, os meses, ou utilizar conceitos temporais, fazem com que a criança se sinta perdida quer na realização das atividades-e no fluir do tempo.” (MORAIS, 2003, p. 96).
- **Imagem corporal:** crianças que apresentam essa característica não conseguem desenhar com facilidade um corpo humano, pois, não apresentam organização na construção do mesmo, com membros e partes fora dos espaços determinados. É “[...] reduzida à dificuldade na identificação das partes do corpo; entretanto, os desenhos da figura humana não revelam boa organização (JOHNSON & MYKLEBUST, 1991, p. 178).”.
- **Escrita e soletração:** “A criança disléxica, com problemas severos de leitura, é incapaz de escrever (MORAIS, 2003, p. 96). Neste caso, a criança não consegue transpor o símbolo das letras e relacioná-los aos seus respectivos sons.

As crianças disléxicas são seriamente deficientes no que diz respeito à soletração, pois a forma escrita requer a capacidade simultânea para visualizar auditivamente as letras. Portanto, se qualquer uma dessas capacidades for deficiente, resultará em desordens de leitura e escrita. (JOHNSON & MYKLEBUST, 1991, p. 179)

- **Distúrbios topográficos:** neste caso a criança disléxica não consegue ler e se localizar no espaço geográfico. Mapas, globos, gráficos são itens que não poderiam ser interpretados por pessoas com esse distúrbio.
- **Distúrbios no padrão motor:** a criança que apresenta esse distúrbio terá dificuldades em desenvolver atividades motoras como correr, saltar, equilibrar-se, etc.

Os pais relatam que elas caem mais facilmente e que são mais desajeitadas do que os outros na família. Algumas não conseguem andar de bicicleta devido a problemas de equilíbrio; outras não são capazes de construir modelos simples pois não conseguem manipular peças pequenas de material. (JOHNSON & MYKLEBUST, 1991, p. 179)

Bergamo (2005, p. 104) reitera essas características e explica que “[...] a ciência ainda tem muito a descobrir sobre a dislexia.”

Sabe-se que se trata de um problema de ordem genética, mais comum em meninos. A hipótese mais aceita para a sua origem é a de que o distúrbio começa a se estabelecer ainda durante o processo da formação cerebral. Entre a vigésima a vigésima quinta semana de gestação, neurônios migram do núcleo para a periferia do cérebro do feto. Nos disléxicos, alguns neurônios se perderiam no caminho comprometendo as áreas cerebrais envolvidas no processamento da linguagem. Por isso o cérebro dos disléxicos seria menos especializado para decifrar e ordenar letras e números, para a orientação espacial e para as capacidades motoras finas e grossas, como desenhar e chutar uma bola. (BERGAMO, 2005, p. 104)

Nesse instante paira sobre essas hipóteses uma dúvida interessante: qual seria o motivo de maior incidência de disléxicos do sexo masculino? De acordo com Barros,

[...] deve-se ao processo do nascimento, mais difícil e demorado para os meninos, devido ao maior tamanho da cabeça. Isso seria causa de anoxia (deficiência de oxigênio), em grande número de casos, e, conseqüentemente, de alguma lesão cerebral (BARROS, 1995, p. 145).

Sobre a maioria de incidentes em meninos, no quesito leitura e escrita, Barros (1995, p.142), reitera que essas dificuldades podem ser normais para todas as crianças, mas se persistirem os sintomas por muito tempo, pode ser caso de dislexia.

No início, todas as crianças sentem essa dificuldade, mas quem é normal as supera em pouco tempo. Em crianças disléxicas, porém, essas dificuldades podem manter-se por muito tempo, ou persistir pelo resto da vida, de modo mais grave ou mais atenuado.

Pensando assim, a dislexia pode ser classificada como:

1. **Dislexia auditiva:** “[...] caracteriza-se pela dificuldade em distinguir semelhanças e diferenças entre sons acusticamente próximos; em perceber sons no meio de palavras; em análise-síntese, memória e seqüências auditivas.” (MORAIS, 2003, p. 97). Segundo Johnson & Myklebust (1991), os disléxicos auditivos se beneficiam ao realizar a associação de sons a palavras, afinal eles necessitam ouvir o som relacionando-o a uma palavra.
2. **Dislexia visual:** “[...] caracteriza-se pela dificuldade em diferenciar, interpretar e recordar palavras vistas visualmente.” (MORAIS, 2003, p. 97). Johnson & Myklebust (1991, p.188), explicam que a pessoa com dislexia visual “[...] não tem dificuldade para compreender o que lê; seu problema é alcançar o significado. Não consegue passar do símbolo visual ao sentido [...]”
3. **Dislexia disfonética:** “[...] As principais dificuldades desse tipo de dislexia residem na discriminação auditiva de sons acusticamente próximos, na análise síntese e seqüência auditiva dos sons que constituem as palavras.” (MORAIS, 2003, p. 98). A leitura e a escrita, das crianças que apresentam esse distúrbio caracteriza-se pela troca entre sons parecidos, alteração na ordem dos sons dentro da palavra, substituição de palavras por outras de significado semelhante.
4. **Dislexia diseidética:** “[...] refere-se às dificuldades em: percepção visual de palavras, análise-síntese e memória visual e de orientação espacial (MORAIS, 2003, p. 97).”

5. **Dislexia mista:** “As dificuldades que as crianças apresentam são muito maiores, pois se manifestam tanto a nível visual quanto a nível auditivo (MORAIS, 2003, p. 97)”

4 Considerações Finais

Segundo Pinto (2008, p. 69) “Não há conclusões totalmente definidas sobre a dislexia (suas causas, seus sintomas, sua ligação com a escola)” Isso nos leva a crer que num futuro próximo os trabalhadores em educação terão maiores oportunidades e possibilidades de tratar e trabalhar melhor com esse assunto e assim, proporcionar um ensino de qualidade voltado especificamente para os portadores da dislexia.

É decorrente desta situação que, tanto a dislexia como as demais dificuldades escolares (independentes da causa), devem ser motivo de preocupação de professores e pais na tentativa de fazer um diagnóstico precoce com a finalidade de se desenvolver uma estratégia de ajuda, que auxilie a criança a superar os obstáculos que vão tornando impossível o ato de aprender a ler e a escrever. (MORAIS, 2003, p. 101).

Creemos que pudemos por meio dessa pesquisa esclarecer diversas dúvidas que tínhamos e que pairavam sobre as teorias deste distúrbio de aprendizagem. Trata-se de um estudo árduo que requer mais aprofundamento sobre o tema. Entretanto, grande parte das dúvidas que tínhamos, a princípio, foram sanadas e as definições do tema puderam por meio desse estudo ganhar roupagem nova acrescentando conhecimento. Na verdade foi uma pesquisa para clarear idéias e objetivos para um estudo futuro.

Finalmente, consideramos esse pensamento de Barros (1995) de maneira singular, afinal, todos sonhamos com uma educação que seja embasada em pressupostos dessa estirpe: “Simplesmente não existem atalhos na tarefa de ensinar a criança disléxica; ela exige esforço prolongado, apoio positivo consistente e muita paciência.” (BARROS, 1995, p. 148).

Referências

AJURIAGUERRA, J. de. **A dislexia em questão:** dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia escolar.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1995

BERGAMO, Giuliana. Neurônios à deriva. **Veja.** São Paulo, p. 104-105, jun.2005.

JOHNSON, Doris J. & MYKLEBUST, Helmer K. **Distúrbios de aprendizagem.** 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LOPES, Áurea. **Será que seu aluno é disléxico?** Nova Escola. São Paulo, p. 60-62, dez. 2005.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios da aprendizagem:** uma abordagem psicopedagógica. 10. ed. São Paulo: Edicon, 2003.

PINTO, Deca. **Quatro mitos da Dislexia.** Nova Escola. São Paulo, p. 66-69, jan./fev 2008.